

CONCOURS GÉNÉRAL DES LYCÉES

—

SESSION 2019

—

**COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE**

(Classes de terminale toutes séries générales et technologiques)

Durée : 5 heures

—

*L'usage de tout dictionnaire est interdit*

**Consignes aux candidats**

- Ne pas utiliser d'encre claire
- N'utiliser ni colle, ni agrafe
- Numéroté chaque page en bas à droite (numéro de page / nombre total de pages)
- Sur chaque copie, renseigner l'en-tête + l'identification du concours :

Concours / Examen : CGL

Section/Spécialité/Série : PORTU

Epreuve : 101

Matière : PORT

Session : 2019

## TEXTE

### O sabor das nuvens

Era aquele cheiro cálido de biscoitos no forno. Invadir o portão era sempre o sonho, a vontade de ver como se faziam biscoitos, quantas mãos os amassavam, enfornavam, acomodavam nas embalagens coloridas. Mas não podia, que lá sempre havia o homem a vigiar, sozinho, quieto na guarita. Ele se ocupava em ouvir um rádio de pilha, enquanto os nossos olhos

5 escalavam o ar para colher a fumacinha, um sorriso sorrateiro da chaminé multiplicando-se em nuvens baixas. Elas levavam aos arredores de nossas casas as cores silenciosas daquele gosto morninho. Dava-nos vontade de saborear a fábrica inteira.

Era uma enorme casa. O ruído dos geradores era o aviso, o coração da fábrica pulsava: distraía-nos como um motor de nave em vôo, zumbindo nos ouvidos curiosos. Mas, o portão! Sempre

10 fechado aos estranhos – estranho, eu?! –, a guarita e seu morador solitário, escutando aquelas notícias. Seu mundo saía do rádio e ali mesmo se esvaía. E as letras vermelhas, iradas, gritavam:

#### PROIBIDA A ENTRADA

Agora, não: eu ia vencendo portão adentro, de repente escancarado; nem portão que era, mas a entrada que me chamava sem impor condições:

- 15 - Ei, o senhor está procurando alguma coisa? – um menino me atalhou.  
- Biscoitos! – respondi, sem deixar escapar-me o fio de meu próprio tempo.  
- No meio do mato? – ele insistiu.  
- Não, no meio da fábrica.  
- ?!

- 20 - Huuummm. Esse cheiro! – murmurei, sentindo-me orvalhar nos lábios.  
- Cheiro de mato e insetos – ele pontuou-se no real.  
- Não, biscoitos quentinhos.  
- ?!  
- Veja a fumaça da chaminé.

25 O menino olhou para as nuvens, que se iam altas e ensolaradas, me encarou e, distanciando-se um pouco, me observava de um certo soslaio, bem que desconfiava de mim. Eu estava doido? [...] Era um menino e sua bicicleta, nas rodas de seu presente. Eu, então... Ele encostou o brinquedo numa estaca sobrevivente, entrou na fábrica saltando por sobre um resto de parede. E me disse que seu avô trabalhara ali antigamente. [...]

30 O menino tocou o pé na parede e me disse que estava tudo podre. O telhado viera abaixo, os cupins devoraram as madeiras. Eu ouvia o relato, mas não acompanhava seus olhos. Ouvia mesmo era a engrenagem trabalhando. As máquinas que nunca vi, apenas as imaginara, pelo som do trabalho que os cobogós me avisavam. [...] O menino montou de um salto, saiu cavalgando a bicicleta, ia-se equilibrado. Segui atrás, sem saber ao certo por que o acompanhava. Lá adiante, vi quando ele entrou num terreiro, a casa simples mais ao fundo. Continuei caminhando, até me acercar da grade baixa do portão. [...]

- 35 - Ó de casa! – me arrisquei a novo rumo.

Um homem de boa idade assomou à porta, logo me averiguava as feições, certamente para ver se me conhecia de outro tempo ou lugar. Ele veio ao meu encontro. [...] Eu desatei a

40 cena:

- Boa tarde. O senhor é seu...?  
- Ivo, eu mesmo. Boa tarde. É alguma coisa? – ele respondeu e perguntou, reticente.  
- Nada. Ia passando, seu neto me disse que o senhor trabalhou na antiga fábrica, então...  
- Ah, sim, trabalhei, né? Mas isso faz muitos anos, prá lá de uns trinta! – ele informou,
- 45 enquanto apontava o banco de madeira, num convite. [...]

- O senhor se importaria de me falar um pouco daquele tempo, da fábrica, como era antigamente?

A primeira frase de sua resposta foi um gesto silencioso, de quase em quase, desde seus olhos para os meus. [...] Esse seu Ivo, avô do menino, estava já encabulado. Ele estava

50 surpreso. Depois de se cultivar absorto, num quase sorriso, ele murmurou, com jeito de certa tristeza:

- Ah, não sei lhe contar, não. Não sei de lá, nada.  
- Mas, e o serviço, lá dentro? – eu quis insistir.

- 55 - Lá dentro, não lembro.  
- Mas se o senhor trabalhou lá?!
- Mas eu só trabalhava fora.  
- Ah – murmurei, desapontado.  
- Quem é o senhor? – ele reverteu a entrevista, mas eu já desanimara. [...]  
O menino vinha de volta, os olhos acesos em nossa direção.
- 60 - Contou a ele, vô? – disse, com o ar orgulhoso.  
- O quê?  
- Que o senhor era vigia da fábrica?  
[...] Meio a contragosto, o velho esfregou as mãos, com os dedos entrelaçados, e confirmou:
- 65 - Eu era só mesmo vigia.  
Os três ficamos calados. Eu reconhecia naquele homem a função que nos impedia de alimentar a curiosidade, de nos arriscar à prova de alguns biscoitos. Ele ficava de guarda na guarita para que os meninos vadios não entrassem. No seu jeito, ele confessava isso, meio que pesaroso, até mesmo descontente. Restava-nos aquele silêncio em branco. Então eu comprimentei o velho com um gesto e disse “até logo”. Aquilo era mesmo um adeus. Ele, cabisbaixo, nem respondeu. Segui pelo caminho de barro, sem ânimo sequer de olhar para trás.
- 70 De repente, ouvi que o menino me seguia, em meu rumo direto de volta à fábrica. Meus olhos ainda iam cheios das imagens que aquele avô não pudera me contar. Toda a fábrica para ele resumia-se à mínima guarita, o tamanho exato de sua história. Eu me senti pleno, tinha a fábrica inteira dentro de meus olhos. E agora ia seguindo, o menino guiando, sem palavras quais que fossem.
- 75 - Essa fábrica foi importante aqui, o senhor sabe? – ele se esforçava para preencher a página que o seu avô rasgara sem querer. Aproximei-me do velho prédio e agora eu via de fato as ramagens que invadiam os restos das paredes, entrando e saindo pelos cobogós sobreviventes.
- 80 De novo, entrei pelo vão aberto das ruínas da guarita onde ficava o vigia: era a boca do tempo que tudo engolira. [...]  
- Esta fábrica está morta.  
O menino disse isto e retomou sua bicicleta. Deu uma última olhada, foi-se a guiar para longe, fazendo girar o tempo presente. Era já o cair da tarde; e dentro de mim o apito da fábrica chorava. [...]

Aleilton Fonseca, *O desterro dos mortos*, Relume Dumará, 2001

## Travail à faire par le candidat

### I. ÉTUDE DU TEXTE

1. Baseando-se no texto, estude o que representa a fábrica para cada um dos personagens.
2. Explique a evolução dos sentimentos que invadem o narrador ao longo do texto.
3. Comente a atitude e/ou a reação de seu Ivo perante o narrador.
4. Analise o papel do menino na narração.

### II. ESSAI

« Meus olhos ainda iam cheios das imagens que aquele avô não pudera me contar. Toda a fábrica para ele resumia-se à mínima guarita, o tamanho exato de sua história. Eu me senti pleno, tinha a fábrica inteira dentro de meus olhos. » (linhas 72 a 75)

Diga em que medida as lembranças do passado são importantes tanto a nível individual como coletivo.

Apresente a sua opinião numa composição cuidada e ilustrada com exemplos.

### III. TRADUCTION

Passe para francês o trecho de « Os três ficamos calados ... » (linha 66) até «... o seu avô rasgara sem querer. » (linha 78).